



Recebido em:  
29/07/2017  
Aprovado em:  
30/07/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E A CONDIÇÃO JUVENIL: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO JOVEM

ALINE SANTOS PESSOTTI DE OLIVEIRA  
RENATA GRECO DE OLIVEIRA  
EUNICE MARIA NAZARETHE NONATO

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

### RESUMO

Pesquisas no campo da sociologia mostram que a juventude é uma construção social do sujeito que busca o seu espaço no mundo. Nessas perspectivas, este estudo problematiza: Qual a relação entre a escola e a condição juvenil na construção da identidade do jovem? O estudo feito neste trabalho tem caráter teórico e de campo. O referencial adotado para responder a tais perguntas articula estudos nos campos da psicologia, sociologia e pedagogia. A pesquisa aponta resultados acerca do valor, descrição e avaliação sobre suas capacidades e traços pessoais, e também o grau de confiança que tem de si mesmo, considerando tanto suas crenças autorreferenciadas quanto as condições de sua juventude. A escola, campo cultural da condição e situação juvenil, legitima saberes e culturas de alguns jovens em detrimento de outros.

**Palavras-chave:** relação com o saber; juventude; identidade.

### RESUMEN

Las investigaciones en el campo de la sociología muestran que la juventud es una construcción social del sujeto que busca su espacio en el mundo. En estas perspectivas, este estudio problematiza: ¿Cuál es la relación entre la escuela y la condición juvenil en la construcción de la identidad del joven? El estudio realizado en este trabajo tiene carácter teórico y de campo. El referencial adoptado para responder a tales preguntas articula estudios en los campos de la psicología, sociología y pedagogía. La investigación apunta a resultados sobre el valor, la descripción y la evaluación sobre sus capacidades y rasgos personales, y también el grado de confianza que tiene de sí mismo, considerando tanto sus creencias autorreferenciadas como las condiciones de su juventud. La escuela, campo cultural de la condición y situación juvenil, legitima conocimientos y culturas de algunos jóvenes en detrimento de otros.

**Palabras-clave:** relación con el saber; juventud; identidad.

### INTRODUÇÃO

Este artigo consolida algumas reflexões sobre juventude e escola, com ênfase na construção da identidade do jovem, considerando sua situação e condição juvenil. Nosso estudo está inserido nas atividades de pesquisa em interface com a extensão do projeto "Relação com o saber e a escola: um estudo com jovens em situação de conflito escolar", desenvolvido na Universidade Vale do Rio Doce. Tal pesquisa realizará ainda outras atividades de coletas de dados e de intervenção no campo. Porém, uma etapa voltada ao diagnóstico e planejamento das ações de intervenção já foi realizada, e é objeto de reflexão deste texto.

O tema é importante uma vez que, para um desenvolvimento saudável de um jovem, faz-se necessário uma identidade construída, e, conseqüentemente, uma perspectiva de futuro e um progresso tanto na vida pessoal, como em mercados de trabalhos e interações sociais. Nossa abordagem é interdisciplinar, buscando diálogos entre os campos da Psicologia, da Sociologia e da Pedagogia, para pensar no tema tratado.

No campo da psicologia, adotamos autores que se fundamentam em Stanley Hall, considerado o "pai da adolescência". Segundo Cerqueira-Santos, Neto e Koller (2014), Hall sentia a necessidade de voltar seus estudos para o desenvolvimento do adolescente, uma vez que este sujeito é dotado de especificidades. Por essa razão, os estudiosos buscam aprimorar o conhecimento dessa fase para melhor compreensão do público jovem. Publicações sobre este tema vêm aumentando consideravelmente, proporcionando ferramentas para lidarem de modo mais efetivo com as questões ligadas a este período (CERQUEIRA-SANTOS, NETO, KOLLER, 2014, p. 18).

No entanto neste estudo não haverá distinção entre as palavras juventude e adolescência ou jovem e adolescente, uma vez que não trabalharemos em cima de idades específicas, nem adotaremos alguma classificação nesse sentido. Os estudos sobre a adolescência mostram que ela é marcada por muitas mudanças e transformações tanto físicas e psicológicas como nas crenças, valores ou opiniões. Contudo, os estudos na sociologia da juventude mostram que a condição juvenil é uma construção social do sujeito que busca o seu espaço no mundo. Adotando uma perspectiva sociológica, chamaremos de jovem ou adolescente sujeitos que se encontram na condição juvenil. Ou seja, o conceito de juventude está ligado à cultura onde o jovem se insere. Neste campo utilizamos autores como Dayrell (2007) e Charlot (2000, 2008, 2012).

No campo da Pedagogia estabelecemos diálogo com o próprio Charlot (2000) para pensar sobre os jovens em situação de conflito com a escola. Para Charlot (2000) o fracasso escolar é também um fenômeno social e de certa forma está ligado à situação que o jovem se encontra. No entanto é importante compreender que ainda que apresente um comportamento escolar considerado "indisciplinado", ou não, todo jovem (ou criança, ou adulto) se encontra em contínuo processo de formação e, portanto, de aprendizagem, uma vez que "a relação com o saber é uma forma de relação com o mundo". (CHARLOT, 2000, p. 50).

Por isso "estudar a relação com o saber, é estudar esse sujeito enquanto confrontado com a necessidade de aprender e a presença de 'saber' no mundo". (CHARLOT, 2000 p.34, aspas do autor). Partir de uma leitura negativa para a construção de uma leitura positiva pode contribuir para um novo olhar frente ao conceito de indisciplina e conflitualidade juvenil. Assim, queremos investigar: Qual a relação entre a escola e a condição/situação juvenil na construção da identidade do jovem

Temos como objetivo compreender as relações que se estabelecem entre escola e a condição juvenil na construção da identidade do jovem. Nosso estudo possui um caráter teórico e tem também um caráter de campo, com dados coletados a partir da observação realizada em uma Escola Estadual, localizada em Governador Valadares, em turmas de 1º e 2º anos do Ensino Médio, na etapa de diagnóstico da pesquisa citada no início deste texto.

A escolha desse público se deu a partir da demanda da escola-campo, sobre o expressivo índice de evasão escolar nos primeiros anos do Ensino Médio, segundo relatos da diretora desta escola. Para além disso, a situação de alunos considerados em conflito escolar, ditos como "indisciplinados" pelos professores, também foi pontuada como uma preocupação da gestão da escola. O que a pesquisa como um todo propõe é estabelecer uma leitura social da escola a partir da relação que o jovem em situação de conflito escolar estabelece com o saber. Fizemos dentro dessa proposta o recorte de olhar as relações dos jovens com a escola para pensar como isso pode influenciar na construção de sua identidade.

Este artigo está organizado em três partes. Inicialmente tratamos da condição e situação juvenil, abordando a condição dos jovens, a fim de refletir sobre o contexto que o jovem se insere. A segunda parte discute o jovem em

conflito escolar, que tendo uma ligação com a primeira parte, nos possibilitará elementos para pensar a situação em que se dá a construção da sua identidade juvenil. Por fim, trazendo as contribuições da psicologia para dialogar com a sociologia da educação, discutiremos como todo esse contexto pode influenciar em sua autoestima, autoconceito e autoeficácia.

## 1 A CONDIÇÃO E SITUAÇÃO JUVENIL

Por condição juvenil, entendemos como a maneira que a sociedade constitui e atribui significados às representações e aos modos que os jovens vivenciam as situações dentro da realidade social. Para efeitos didáticos, neste texto, vamos optar pela distinção entre "condição juvenil" e "situação juvenil", inspirados na ambiguidade do termo "condição" descrita por Dayrell (2007):

Condição juvenil, do latim *conditio*, refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim, existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. Na análise, pertinente se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve (DAYRELL 2007, p. 1108).

Assim, vamos considerar condição juvenil o modo como cada sociedade percebe e significa sua juventude. A dimensão das diferentes juventudes dentro de uma mesma sociedade, agora em suas divisões de classe, etnia, gênero, etc., chamaremos de situação juvenil. De acordo com o dicionário online da língua portuguesa, Aurélio, (FERREIRA, 2015), a palavra "situação" significa "colocar, pôr em determinado sítio; Determinar lugar certo a.; Ato ou efeito de situar; Maneira ou modo como um objeto está colocado; [...]". O que nos faz pensar que a situação dos jovens, ou seja, a situação daqueles que se encontram em condição juvenil, refere-se a "onde" este jovem "está colocado", o contexto social e cultural ao qual constitui e pelo qual é também constituído.

A condição juvenil se encontra na escola, no espaço socialmente reconhecido como detentor dos saberes necessários à vida profissional e ao projeto de futuro de seus estudantes. Espera-se da condição de ser jovem o ajuste seu desenvolvimento integral, para que ciente de sua identidade possa valer-se da escola para organizar sua inserção na vida adulta. Charlot (2000), vai alertar, contudo, para os aspectos e conflitos sociais que são reproduzidos na escola e que interferem diretamente na relação de muitos jovens, dada a sua situação juvenil, com a escola e os saberes por ela valorizados.

[...] às diferenças de posições sociais dos pais correspondem diferenças de posições escolares dos filhos e, mais tarde, diferenças de posições sociais entre esses filhos na idade adulta. Há a reprodução das diferenças. (CHARLOT, 2000 p.20).

Dessa forma, os microsistemas[i], conforme Bronfenbrenner (1979, 1996) acredita, influenciam muito a maneira que o jovem ou criança pode se perceber. Dessa forma, a família, escola, amigos e ademais, podem afetar este jovem de forma positiva ou não. Não estamos excluindo em momento algum a possibilidade de escolha desse jovem, todavia, se ele não tiver uma mobilização, o que Charlot (2000) afirma que só é possível acontecer se uma determinada situação tiver um significado para aquele que a vivencia, ele não será passível de mudanças. É importante pensar como o jovem, dentro da situação que se desenvolveu, se relaciona com o saber escolar para pensar a si mesmo e seu projeto de futuro.

## 2 A RELAÇÃO COM O SABER E A ESCOLA

Partindo de leituras Charlot (2012) e visitas feitas a uma Escola Estadual situada em Governador Valadares-MG, em turmas de 1º e 2º anos do Ensino Médio, buscamos algumas reflexões sobre a relação dos jovens para com a escola. Charlot (2012) relata sua preocupação com o desinteresse desses jovens, e procura entender a razão de agirem como tal. Partindo, a princípio, de uma perspectiva antropológica, afirma que o homem precisa de pelo menos vinte anos estudando para poder progredir, uma vez que nasce incompleto e precisa de conhecimentos.

A educação é um direito antropológico. O fato de nascer dá a cada um de nós o direito de ser educado. Graças à educação entramos num processo de humanização, socialização – ingresso numa cultura – e de singularização. (CHARLOT, 2012, p.2)

Em nossa sociedade, constitucionalmente (BRASIL, 1988), a educação é um direito de todos e um dever do Estado, da família e da sociedade. O Estado oferece educação através da escola que é socialmente reconhecida como lócus para a preparação para a vida adulta, sobretudo com o foco para a inserção no mercado de trabalho. Os jovens das classes populares se encontram majoritariamente nas escolas públicas. Escolhemos uma escola estadual para observar o cotidiano escolar dos jovens e refletir sobre a relação do jovem com a escola e os saberes escolares.

Ao chegarmos à escola, não foi difícil percebermos que os jovens demonstram pouco ou nenhum interesse em aprender o conteúdo apresentado em sala. Não há uma interação, questionamentos ao professor, e muitos nem mesmo escreverem o que passam no quadro. Por outro lado, demonstram preocuparem-se caso seja exigido o cumprimento de tarefas pontuadas, mas, em uma postura explícita de interesse em somente alcançarem notas e passarem de ano, não há manifestação alguma de interesse pelo saber.

Quando questionados sobre o que fazem ali ou o que almejam, responderam que queriam passar de ano e não viam a hora de acabar o Ensino Médio. Poucos nos disseram sobre suas perspectivas de continuarem estudando e especializando.

Voltamo-nos à Charlot (2012), quando ele diz que só aprende quem estuda, isto é, mobiliza-se intelectualmente. Só que a maioria dos alunos vai à escola não para construir conhecimento, mas para alimentarem-se, ver os amigos e interagir socialmente, em nenhum envolvimento com a aula. O empecilho é que na escola eles têm que aprender, quaisquer sejam as formas dessa (pseudo) aprendizagem, seja a ela realmente o conhecimento ou apenas memorização para realizar a prova e esquecer tudo após finalizá-la.

Por fim, só continua estudando quem encontra uma forma de prazer na escola. Mas cuidado: prazer não significa facilidade. Não se aprende sem esforço. Mas não há contradição entre prazer e esforço; [...] O esforço é uma coisa horrível quando se esforça para algo que não tem sentido, mas fazer esforço para algo que tem sentido pode ser uma fonte de prazer (CHARLOT, 2012, p.2).

Devemos pensar quais seriam as possíveis razões para que um aluno queira ou não aprender determinado conhecimento. Conflitos familiares, dias ruins, problemas financeiros, relações interpessoais, podem afetar no desenvolvimento do aluno em determinado dia. Para, além disso, Charlot (2008, p.24) pensa na diferença entre “professor tradicional versus professor construtivista”. Fazendo um paralelo entre professores franceses e brasileiros, ele diz que há semelhanças em se tratando de possuir uma rotina dentro da escola, tais como tempo fragmentado e avaliações individuais, e ressalta que o desafio de um professor construtivista, é tentar pensar uma aula dinâmica, de modo que naquele momento a sala seja um lugar de sentido e prazer. Essa fora uma de nossas preocupações nas observações realizadas.

Na observação feita na referida escola campo deste estudo, apenas um professor – de física – conseguiu sair do padrão de alunos enfileirados e realizando uma atividade enquanto ele ficaria sentado. Ao contrário, pôs os alunos em grupos, onde o silêncio e a atenção pairavam sobre a sala. Um professor interativo, dinâmico, falava de forma compreensível e os alunos o indagavam sem parar, demonstrando bastante interesse no que estava sendo apresentado. Contudo, precisamos ainda destacar que outros professores apresentaram aulas dinâmicas e linguagens apropriadas, mas a maioria não foi bem-sucedida. Esse episódio nos alertou a pensar que as abordagens escolares podem ser diferenciadas, e buscar estabelecer diálogos diferentes com os diferentes sujeitos que se encontram na escola. E nos deixou ainda mais perguntas. Será possível pensar uma prática que contribua para que os jovens estabeleçam novas relações com o saber e conseqüentemente com a escola

Como o próprio autor afirma, se pensarmos no sentido da escola contemporânea para os alunos, seria aquela em que o aluno vai para obter um diploma e conseguir um emprego, qualquer que seja (CHARLOT, 2012). É preocupante pensarmos que pode chegar o momento em que o aluno definitivamente não vai à escola para obter conhecimento, descobrir um prazer em estudar, apenas almeja um diploma para afirmar que passou por ali.

Vivemos em um mundo que não se vai à escola para aprender, mas para ter um diploma. Essa é a dificuldade para o professor, um mal-entendido estrutural: o professor pretende ensinar, o aluno visa ter uma boa nota, ou pelo menos, uma nota que permite passar de ano. Em uma sala que as crianças fazem um exercício que a professora disse que têm que fazer só para terem uma boa nota, não há uma prática emancipatória, mas uma prática de escravo da sociedade contemporânea. Emancipatória é a prática que consegue que os alunos estudem para entender o mundo, a vida, para crescer, para se sentir inteligentes (CHARLOT, 2012, p. 3).

Podemos ressaltar que existem ainda aqueles que aprendem em busca de recompensas. Procuram adquirir notas porque os pais darão presentes, passeios, diversão, enfim, coisas que os motivem a obterem somente as notas, não necessariamente a aprendizagem. Charlot (2012) posiciona-se como crítico a essa ideia de recompensa. É uma prática pedagógica liberal, que não contribui para o desenvolvimento da autonomia necessária à emancipação do sujeito. O autor entende mesmo que é o oposto da emancipação, pois, os estudantes buscam fazer o que não gostam para ganharem algo, e acabam condicionados a uma premiação que, uma vez ausente, destitui de sentido o esforço de aprender. A meta da educação não é motivá-los, e sim mobilizá-los! “Motiva-se o outro, de fora, mobiliza a si mesmo, de dentro. [...] É fazer nascer o desejo de aprender, de fazer o uso de si mesmo para aprender” (p. 5).

Percebemos que há uma ligação entre desejo, autoconhecimento e a aprendizagem. Conhecer a si mesmo é essencial para discernir vontades, idealizar, metodizar e efetuar objetivos, metas e sonhos. Os desejos que desenvolvemos influenciam nossas "escolhas" de aprendizagem, ou seja, o desenvolvimento de nossas competências e aptidões. E, a partir do momento que detemos o autoconhecimento, além de administrar nossas ações assertivamente, fica mais fácil escolher qual caminho seguir, principalmente na vida profissional, uma vez que durante o nosso amadurecimento, a indecisão paira sobre nossas escolhas (MARQUES, 2016).

### **3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUVENIL**

Ao longo deste artigo, evidenciamos que todo o contexto pode influenciar na identidade juvenil. Mas como isso acontece Bom, sabemos que a adolescência é um momento de novidades, oportunidades e riscos, e está intimamente ligada à identidade e ao sentido de vida. Bronk (RODRÍGUEZ, 2014), afirma que a identidade seria um conjunto de crenças e objetivos relevantes, compondo um sentido coeso e plausível de quem o sujeito é e quem almeja ser. Acreditamos que ter um futuro certo neste período é muito difícil, uma vez que é um momento de descobertas. Estipular um sentido de identidade seria fazer uma relação entre aquilo que a pessoa foi na infância, o que pensa que é, o que os outros dizem dele e aquilo que ele deseja ser (ERIKSON apud RODRÍGUEZ, 2014, p. 31).

É inerente à condição humana a imprescindibilidade de ter um sentido definido de quem se é e o que quer ser, dado que por meio da identidade podemos coordenar nossas ações e estabelecermos uma relação com um mundo e o

meio social. O desenvolvimento da identidade dá-se por meio da “construção de um processo eminentemente social, no qual as crenças a respeito de si mesmo seriam com frequência contrastada com as opiniões dos outros [...] para estabelecer um sentido real e ideal de si” (RODRÍGUEZ, 2014, p. 31).

A identidade é uma teoria incessantemente colocada à prova, da qual faz parte de um conjunto de crenças. Segundo Rodríguez (2014), crenças autorreferenciadas são constituídas por autoestima, autoconceito e autoeficácia. Tais crenças interagem entre si e são variáveis para o comportamento em inúmeros contextos. Definiu o autoconceito como descrição e avaliação sobre nossas capacidades e traços pessoais, independentemente de serem boas ou ruins. Podem tornar-se mais diversificadas à medida que vamos adquirindo mais experiências. A autoestima seria a avaliação do nosso valor pessoal, isto é, seria a caracterização do nível de admiração que temos de nós mesmos. Dessa forma, a autoestima está diretamente ligada ao autoconceito, quando se trata de avaliações positivas ou negativas realizadas por nós (RODRÍGUEZ, 2014). Devemos ressaltar que a autoestima pode sofrer oscilações constantemente, à medida que vivenciamos determinados contextos. O último componente das crenças autorreferenciadas é a autoeficácia, que Bandura (2008) considerou como o grau de confiança que temos, a partir de um conjunto de habilidades e capacidades para atingirmos nossas metas. Ou seja, quando estamos avaliando nosso esforço, podemos reafirmar se somos eficazes ou não, influenciando, portanto, na autoestima.

Sabemos que estas crenças são intimamente ligadas, todavia, devemos compreender que os contextos considerados mais importantes onde os jovens estão inseridos, emergem-se a partir das influências de pessoas significativas, considerados os contextos de importância para o desenvolvimento da autoestima (RODRÍGUEZ, 2014, p. 33). Dizemos que é uma fase de exploração para o jovem, já que ele tem a possibilidade de exercer diferentes papéis em outros contextos, tais como os amigos mais próximos.

Depreendemos que ter um sentido definido de identidade facilitaria o desenvolvimento em três aspectos. Primeiramente, é o autoconceito, que se estiver bem definido, terá como consequência um direcionamento harmonioso. Outro aspecto é a autoestima, considerando que uma vez que tenhamos nossas crenças estáveis, não precisaremos constantemente de provas para validar nosso comportamento. Por último, o próprio sentido de identidade, pois quanto mais claro e coeso, mais fácil de prendermos-nos em metas ou objetivos por acreditarmos que são agradáveis para nós mesmos e não porque os outros disseram o que deveríamos fazer (RODRÍGUEZ, 2014).

O sentido de vida é a percepção da existência, aliada à busca e cumprimento de metas que resultarão em satisfação. A partir disso, este sentido é composto por componentes cognitivos, emocionais e motivacionais (BANDURA, 2008). O cognitivo é a percepção do sentido de vida, que se dá quando avaliamos o que fazemos tomando como base nossos valores pessoais. Nesse sentido, é comum haver perguntas como “Quem sou O que quero”. O aspecto motivacional seria a busca e concretização de metas e objetivos, isto é, nossos propósitos (EMMONS, RYFF, SINGER apud RODRÍGUEZ, 2014 p. 34). Tais propósitos advêm de nossas crenças pessoais e necessidades, partindo da cultura social que estamos inseridos (BANDURA, 2008). Por último, o aspecto emocional, composto pela sensação de realização e felicidade. Assim, a teoria sugere que o sentido de vida é uma previsão da felicidade, onde se respalda na realização de nossos desejos pessoais (BANDURA, 2008). Nesse campo, dos desejos pessoais, nasce a mobilização para o saber, que na compreensão de Charlot (2012) exigirá sim, esforço, sofrimento, mas também trará realização, prazer, uma vez que é construído a partir do desejo de aprender.

A relação entre o desenvolvimento da identidade e o sentido de vida é mútua, ou seja, um influencia o outro. Em alguns casos, podemos dizer que o desenvolvimento do sentido de vida dá-se por meio do desenvolvimento da identidade. Nessa perspectiva, quando o jovem tem clareza de suas crenças autorreferenciadas, tende a conduzir sua vida, buscando alcançar suas metas estabelecidas que, conseqüentemente, contribui na construção do sentido de vida (BANDURA, 2008). Mas, quando a psicologia dialoga com a sociologia é mister perguntar quais as condições desse jovem, ou seja, em que situação esse jovem se encontra. Que condições estão dadas ao jovem em situação de conflito escolar. Que cultura a escola legítima. Em que situação influencia suas crenças autorreferenciadas, sua identidade, na definição de seu desejo, no estabelecimento de metas e de projeto de futuro.

Cada vez mais, a literatura tem mostrado que o desenvolvimento da identidade e o sentido de vida, a partir de objetivos significativos, auxiliam no desenvolvimento saudável. Quando os adolescentes têm objetivos significativos e são apoiados por seus grupos de referências (pais, irmãos, familiares, grupos sociais, comunidade), tendem a apresentar níveis melhores de comprometimento moral, concretização de objetivos, autoestima, satisfação, felicidade e sentido de vida (RODRÍGUEZ, 2014, p. 35). Isso nos faz pensar em quais são os grupos de referências dos jovens

que estamos observando na escola e como eles estabelecem suas relações, expressam sua cultura e criam ou não vínculos com a escola.

Damon e colaboradores (RODRÍGUEZ, 2014), salientam que não são todos os jovens que possuem objetivos significativos para dedicarem-se. Segundo alguns estudos, ainda que os adolescentes passem por esta etapa de construção da identidade, não são todos que desenvolvem uma noção ao que se dedicarem. Nesse sentido, aqueles que não possuem um propósito, segundo pesquisas, seriam um gatilho para sintomatologia depressiva, ansiedade, drogadição, comportamentos desviantes e destrutivos, dentre outros. Contudo, é preciso perceber que essa concretização de metas e percepção de sentido existencial vai se dar no contexto da situação do jovem e merece atenção especial, devido às suas peculiaridades.

A escola atende as metas desses jovens que se mostram em situação de conflito escolar. Quais metas eles têm? A perspectiva psicológica não pode desconsiderar leituras pedagógicas e sociais que nos permitem compreender que muitos dos anseios desses jovens não estão sintonizados com os propósitos da escola. São considerados desajustados. Por isso mesmo, podemos pensar ainda numa lógica inversa: não é somente a falta de projeto de futuro que desencadeia os sintomas listados, mas, é também a vulnerabilidade social, a exposição (que pode acontecer em todas as classes sociais) à violência, depressão, ansiedade, drogas, comportamentos desviantes e destrutivos, que reduz as chances desses jovens em construir projetos de futuro, em buscar sentido de vida.

Em suma, os objetivos de vida estão intimamente ligados com as perspectivas futuras, sejam elas quem o adolescente espera ser ou evita ser. Quanto mais o jovem se conhece, se identifica e se percebe nos espaços sociais, mais fácil será a concretização de seus ideais, uma vez que fará escolhas partindo de seus sistemas morais e valorativos e seu senso de identidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste artigo, buscamos apresentar qual a relação entre escola e a condição e situação juvenil na construção de identidade do jovem. Buscamos compreender o como o jovem se mobiliza para aprender, para construir saberes e experiências que influenciarão sua identidade.

Para tanto, consideramos a situação e condição juvenil, fazendo um paralelo entre os termos utilizados e ressaltando que a possibilidade do jovem de interagir em diversos contextos permite a ele que exerça diferentes papéis, e assim, possa identificar com uma postura a ser seguida. Abordamos a relação com o saber, relatando nossas vivências numa Escola Estadual, onde os alunos mostraram pouco interesse em aprender o conteúdo por meio de conversas e atividades paralelas, desatenção e não envolvimento, que só eram abandonados (mas não por todos) quando os professores definiam atividades com atribuição de notas.

Por fim, buscamos apresentar o que seria a construção de identidade e o sentido de vida para os adolescentes, onde a identidade está relacionada às crenças autorreferenciadas, sendo, portanto, autoconceito, autoestima e autoeficácia. Essas crenças, contudo, são construídas no contexto da situação juvenil, nas relações e condições onde esse jovem se desenvolve, e se constitui enquanto sujeito cultural.

Assim, podemos dizer ao final desse trabalho que a escola, enquanto instituição social, também constitui o campo cultural da condição e situação juvenil, legitimando saberes e culturas que refletem os desejos de alguns grupos sociais em detrimento de outros. Nesse sentido, a escola também exerce influência nas crenças autorreferenciadas que balizam escolhas, desejos, metas e projetos de futuro dos jovens. Numa leitura pedagógica dos resultados encontrados fica a pergunta sobre a influência das práticas escolares na construção desses projetos.

No escopo maior da pesquisa em interface com a extensão do projeto "Relação com o saber e a escola: um estudo com jovens em situação de conflito escolar", desenvolvido na Universidade Vale do Rio Doce, terminamos a primeira etapa com novas perguntas que nos mobilizam pelas inquietações provocadas no sentido de pensar práticas que valorizem e contemplem diferentes saberes, identidades, culturas, desejos de aprender e projetos de futuro.

[i] “[...] um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicos” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 18).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDURA, Albert. A evolução da teoria social cognitiva. In: BANDURA, A.; AZZI, RG; POLYDORO, S. **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15-41

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; NETO, Othon Cardoso de Melo; KOLLER, Silvia H. Adolescentes e adolescências. In HABIGZANG, G.L.; DINIZ, E.; S.H. KOLLER (Orgs.). **Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p.17-29

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador. v. 17. n. 30. p. 17-31. Jul. /Dez. 2008

CHARLOT, Bernard. **Pressupostos e exigências para uma prática pedagógica “emancipatória” na contemporaneidade**. 2012. p. 1-9

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em Acesso em 11 de jun de 2017

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. Disponível em Acesso em 15 de jun de 2017

MARQUES, José Roberto. **O processo do autoconhecimento**. Março, 2016. Disponível em Acesso em 15 de jun de 2017

RODRÍGUEZ, Susana Nuñez; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Desenvolvimento da identidade e do sentido de vida na adolescência. In HABIGZANG, G.L.; DINIZ, E.; S.H. KOLLER (Orgs.). **Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p.30-41

[1] “[...] um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicos” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 18).